

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

O Popular (Gp)

Class.:

96

Data:

29.01.85

Pg.:

4468 **Guerra e paz
em Tocantinópolis****Conceição de Freitas**

Quando os repórteres chegaram a Tocantinópolis na quinta-feira passada e viram movimento armado da população branca furiosa com o avanço dos Apinajé que se embranhavam na mata abrindo picadas, houve um só temor: se os brancos estão assim, como estarão os índios? Veio um certo receio, percebido pelo silêncio que tomou conta de todos quando se aproximavam da aldeia São José. Como estariam os índios?

Lá na aldeia havia a paz contrastando com a fúria dos brancos da cidade. Os caciques estavam enfeitados e faziam um tácito apelo: "Não queremos violência, queremos nossas terras que são nossas antes mesmos de vocês pisarem por aqui". Mas havia — e há — uma firme disposição. Caso os brancos se aproximem, eles vão reagir. Caso o Governo não concorde em demarcar os 148 mil hectares, eles vão demarcar por iniciativa própria.

Mas para que 148 mil hectares? Não é terra em demasia para pouco mais de 600 índios? Perguntam, confiantes neste argumento, os brancos. E é a mesma mentalidade competitiva e lucrativa que invade todos os defensores dos fazendeiros e posseiros que estão na área. "Os índios da aldeia São José não produzem nada", argumenta o mais árduo defensor dos brancos, o secretário José Freire.

Os índios querem apenas suas terras, e lutam pela manutenção da raça, que

nós, brasileiros recém-chegados a esta terra, lhes tiramos. Para quem não sabe, eles eram 5 milhões ou mais, em 1500. Hoje talvez não cheguem a 250 mil. E fomos nós, os brancos, que praticamos este genocídio. São eles os brancos fanáticos pelas riquezas do solo, pelo espírito desenvolvimentista que em nada beneficiou o povo pobre, que estão devorando as nações indígenas, sua cultura, seu apego à natureza, seu espírito comunitário.

Os índios querem os 148 mil hectares que representam parte da área que foi domínio dos Apinajé ao longo de sua história. Querem reconstituir e preservar a memória de seus ancestrais, querem ter como sua a terra onde seus avós e bisavós estão enterrados. Querem andar e perambular por onde eles andavam. Coisa que branco não faz, que branco não dá valor porque não enxerga nada além do lucro, da riqueza, da acumulação.

A Companhia Vale do Rio Doce, tão agredida pelos brancos de Tocantinópolis, se compromete a indenizar os posseiros com o valor real de suas posses e conversar com os fazendeiros, em busca de um acordo. Ela tem interesses devido a um contrato com o Banco Mundial, que estabelece cláusulas para que seja fornecido o empréstimo de 700 mil dólares. Entre estas cláusulas estão a proteção aos índios e a preservação de sua raça.

"Meu coração está triste. Meu povo não quer machucar ninguém". É o cacique Raoni, preocupado, e solidário aos seus parentes Apinajé. E outras nações estão lá, ao lado de seu povo, lutando com ele, dando uma lição de solidariedade a quem dela precisa.